

PROF. PHILIP K. HITTI

Esteve em agôsto do ano passado em São Paulo, a convite da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o famoso orientalista, Prof. Philip K. Hitti, professor de História e Literatura Semítica da Universidade de Princeton (Estados Unidos da América do Norte), que proferiu oito conferências sôbre a sua especialidade. A seguir, damos o resumo em português dessas conferências que foram traduzidas — do resumo em inglês fornecido pelo próprio autor — pelo Sr. A. M. F. Barros, funcionário da Reitoria da Universidade de São Paulo. A grafia de certos nomes próprios é a mesma do original em inglês.

Primeira Conferência:

"CONTRIBUIÇÃO ARABE À CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL, MORMENTE
A PENÍNSULA IBÉRICA, NA LITERATURA".

Nenhum povo manifestou tão entusiástica admiração pela expressão literária, nem se deixou influenciar tão acentuadamente pela palavra escrita ou falada como o povo árabe, que deu à oratória desenvolvimento não alcançado por nenhum outro.

O Islão usou amplamente êste aspecto lingüístico e esta peculiaridade psicológica, baseando-se no miraculoso character do Alcorão, que foi o único milagre de Maomé. O triunfo do Islão, foi o da linguagem, o de um livro. O Alcorão foi traduzido em 1141 para o latim e posteriormente para o francês e o inglês. As viagens noturnas que levaram Maomé, de Meca, via Jerusalém, para o sétimo céu, e que são amplamente referidas no Alcorão, tornaram-se uma das partes prediletas do Islão.

Al-Mu'arri, famoso poeta e filósofo sírio, que morreu cego em 1057, e Ibn-'Arab o místico de Múrcia, que morreu em 1240, elaboraram o uso desta milagrosa viagem. Histórias, como as pesquisas de Asin, o arabista espanhol, tornaram-se a base da grande obra-prima de Dante, a sua "Divina Comédia". A descrição arquitetônica do céu e do inferno, assim como os diálogos, seguem o original de Asin.

A literatura religiosa árabe é rica em fábulas, histórias e poesias; e seus contos, que revelam fértil imaginação, sempre têm uma finalidade moral. As fábulas de Baidabáh, Calila-ua-Dimnah, que foram originalmente traduzidas do sânscrito para o árabe no ano de 850, foram desta última traduzidas posteriormente para cerca de quarenta idiomas. A tradução espanhola foi feita por Afonso o Sábio, rei de Castela e Leon (1252-1284). Essas histórias foram imitadas, passando da península Ibérica para a França e daí para o resto da Europa. Os provérbios e ditados do príncipe sírio Ibn-Fátik, que floresceram no Egito no ano de 1050, foram também traduzidas para o espanhol, sob o título "Bocados de Oro". As coletâneas Makámat que pertencem ao gênero do ensaio, oferecem uma apresentação dramática, tornando-se as bases do conto espanhol e italiano do tipo picaresco. "O Cavalheiro Cifar", o primeiro picaresco espanhol, contém histórias associadas com o Juha árabe.

Houve três pontes sôbre as quais a cultura árabe encontrou o seu caminho para a Europa: a Síria, no período das Cruzadas; a Sicília, que foi ocupada pelos árabes do ano 831 a 1091, e a Península Ibérica, que foi a ponte mais importante e resistente. Os elementos da cultura árabe, tais como a literatura, ciência, arte, e filosofia, passaram da Ibéria para a França e daí rapidamente para o resto da Europa Ocidental. Toledo no século XII, e Castela e Leon no tempo de Afonso o Sábio, tornaram-se grandes centros de tradução. A literatura "Aljamiado" dos "Moriscos", que eram muçulmanos convertidos ao cristianismo após a destruição do poderio árabe na península, é riquíssima de conteúdo árabe.

Na Espanha, a poesia árabe, ao mesmo tempo que tomava novas diretrizes, teve como uma de suas características o desenvolvimento de uma emoção profunda das belezas naturais, conforme ilustram os poemas "Uma íad", de Abd-ur-Rahmán I, príncipe de Córdoba e também do poeta Ibn-Zaidún, morto em 1071.

A poesia folclórica, chamada em árabe "Zajal" e "Muachahah" tornou-se a fonte da poesia ibérica. Esse tipo de expressão poética encontrou representante perfeito, em Abenkuzmán, menestrel peregrino de Córdoba, que morreu em 1160. Os "Trovadores" que floresceram no século XII, imitaram os menestrels peregrinos, e os "Mozarabes" foram os intermediários nesta imitação.

O culto pela mulher, que floresceu na Europa ocidental, tendo como sinal característico o amor platônico, também teve como origem os muçulmanos árabes. As "Cantigas de Santa Maria", compostas no tempo de Afonso o Sábio, tiveram suas "stanzas" do tipo "zajal" e "muachahah".

O "Villancico", verso castelhano popular usado nas poesias cristãs, foi grandemente influenciado pela poesia folclórica árabe. A história de "Sindbád o Marujo" dos célebres contos das "Mil e uma Noites", levou com a sua tradução para o espanhol, muitas palavras árabes, tais como "afreet", "jinn" e "jinnee", para os vários idiomas europeus.

A novela moderna foi traçada pela história espanhola "Del Abencerrage". O grande poeta e novelista espanhol, Cervantes, que foi mantido preso por piratas árabes durante cinco anos, costumava dizer gracejando, que a sua maravilhosa obra "Don Quixote", teve origem árabe.

Segunda Conferência:

"A CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA ÁRABE PARA A CULTURA OCIDENTAL"

Os muçulmanos da península árabe começaram sem nenhuma ciência própria, no verdadeiro sentido da palavra. Entretanto, gradualmente, foram assimilando a tradição científica dos sírios, persas e outros povos por eles conquistados. A tradição síria, baseava-se na grega. O período de tradução do grego para o árabe terminou, mais ou menos, entre os anos de 750 a 850. O centro dessa atividade foi a cidade de Bagdad.

Da Índia e da Pérsia — Recebido da Índia um tratado sobre astronomia, foi o mesmo imediatamente traduzido, em Bagdad, para o idioma árabe, formando-se as tábuas do "al-khuárizimi". Da Índia, também, foi recolhido um tratado sobre matemática, o qual introduziu os chamados algarismos árabes, inclusive o zero. Da Pérsia vieram as fábulas de Bidpai e um resumo da ciência médica, representada pelo trabalho da família sírio-cristã Bakhtishu'.

Dos Helênicos — Mas a mais importante e a mais vital força vinda do estrangeiro, foi o helenismo. Pelos cristãos sírios, a cultura helênica encontrou o seu caminho para introduzir-se no mundo árabe muçulmano.

Foi Hunayn ibn-Ishák (Johannitus, falecido em 873) e sua escola, que traduziram os termos médicos de Galeno, as palavras filosóficas de Aristóteles e dos neo-platônicos, primeiramente em aramaico, o idioma da Síria naquele tempo, e posteriormente em árabe. Os pagões sírios de Harrán, adoradores de estrélas, e que eram chamados de Sabians, traduziram todas as obras gregas sobre astronomia e matemática existentes na época, inclusive o Almagesto de Ptolomeu e as obras de Euclides e Arquimedes.

Fase de criações — Ao período de traduções seguiu-se um segundo, o de criações. Os árabes, não somente transmitiram as últimas ciências gregas, sírias e persas, como, também, enriqueceram-na com sua própria contribuição.

Na medicina, al-Rari (Rhazes, falecido em 925) foi o primeiro, na história desta ciência, a notar a diferença existente entre o sarampo e a variola. Seus trabalhos sobre alquimia foram citados por Rogério Bacon. Seus termos médicos, traduzidos por Geraldo de Cremona (falecido em 1187), em Toledo

e, posteriormente, na Sicília, foram usados nas Escolas de Medicina da Espanha e Itália. Geraldo de Cremona também traduziu o "al-Qanun" (As regras), do original de Ibn-Sina (Avecina, falecido em 1037), que é, talvez, o primeiro trabalho a reconhecer a natureza contagiosa da tuberculose. Ibn-al-Nafis, médico sírio, natural de Damasco (falecido em 1288), descreveu perfeitamente a circulação do sangue através dos pulmões, três séculos antes do português Serretus, o qual creditou a si esta descoberta.

Na Espanha, Abu-al-Qasim al-Zahráui (Abulcasio, falecido em 1013, natural de Córdoba, foi o maior cirurgião de seus dias. Suas obras, também traduzidas por Geraldo de Cremona, foram usadas para estudos na Universidade de Oxford, até o ano de 1778. Ibn-Rushd (Averróes, falecido em 1298), conhecido mais como filósofo, compreendeu, perfeitamente, a função da retina sobre os olhos e confirmou que ninguém contrai variola por duas vezes. Seu contemporâneo, Ibn-Maymun (Maimônides, falecido em 1204), célebre filósofo judeu, prescreveu dietas vegetarianas para os que sofriam de hemorróidas. Ibn-al-Khátib (falecido em 1350), natural de Granada, posteriormente conhecido como um grande escritor, descobriu o caráter infeccioso da peste, que então devastava toda a Europa, numa época em que todos pensavam que a mesma era um castigo de Deus.

A botânica e a química — Estas ciências, que auxiliaram grandemente a medicina, foram levadas pelos árabes a alturas nunca dantes alcançadas. Ibn-al-Baitar (falecido em 1248), natural de Málaga, foi o maior botânico e farmacêutico da Idade Média. Na sua obra "Remédios Simples" ele descreve mil e quatrocentas espécies de plantas, duzentas das quais eram novas. A palavra "alquímia" é de origem árabe. O maior alquimista da Idade Média, Jabir ibn-Hayyán (Geber), teve sua arte desenvolvida em todo o Iraque, mais ou menos em 776, sendo considerado o pai dessa ciência.

Alguns termos médicos e químicos, tais como **elixir, soda, sorvete, álcali, antimônio, alambique, etc.**, entraram para os vários idiomas europeus por meio de traduções feitas de obras árabes, demonstrando, perfeitamente, o quanto devem algumas ciências aos estudiosos árabes.

Ciências exatas — Quanto à astronomia e à matemática, basta citar o nome de al-Khwarizmi (falecido em 850), natural de Bagdad. Ele escreveu o primeiro livro sobre álgebra, o qual, traduzido em Toledo no século XII, introduziu esta ciência e seu nome nos idiomas europeus. Os algarismos árabes, inclusive o zero, começaram a ser usados a partir da publicação daquele livro. As tábuas astronômicas daquele grande estudioso foram usadas por Afonso, o Sábio, e posteriormente em Marselha, daí se espalhando para o resto do mundo, chegando até a China. **Cifra e zero** são, também, palavras árabes.

Os nomes árabes de muitas estrelas e constelações, tais como **'Acraab (Escorpião), Aljádi (Novilha), Dhanab (Cauda), etc.**, mostram cabalmente a influência dos astrônomos árabes nas ciências ocidentais.

Terceira Conferência:

"A CONTRIBUIÇÃO FILOSÓFICA ÁRABE PARA A CULTURA OCIDENTAL"

Como nas ciências, os árabes começaram com muito pouco, na parte referente à filosofia. Antes do Islão, tudo o que eles possuíam, nesse particular, se resumia em provérbios e sentenças sábias. Portanto, tiveram que esperar até a época da conquista do "Crescente Fértil" e do Egito, para que pudessem estabelecer contacto com a filosofia grega através de traduções sírias e, também, até que a sua linguagem possuísse um sistema verdadeiro de filosofia.

Traduções do grego — Foi Hunayn ibn-Ishák (Johannitus, falecido em 837), famoso cristão sírio, juntamente com seus alunos, o responsável pelas traduções de Aristóteles e das principais obras neo-platônicas, do grego para o aramaico e deste para o árabe. Em pouco tempo, tornou-se Aristóteles o "primei-

ro professor do Islão. Surgiu, então, o problema de conciliar as teorias de Aristóteles com as de Maomé, harmonizando, ao mesmo tempo, os seus ensinamentos com os do Alcorão.

Filosofia islâmica no Oriente — Al-Qindi, que viveu em meados do século IX, foi o primeiro filósofo árabe a fazer esta pergunta a si próprio. Seu trabalho foi levado avante por al-Farabi (Alfarábius, falecido em 950), o qual tornou-se o "segundo professor". Sua grande obra, "Cidade Superior", foi baseada na "República" de Platão.

Filosofia islâmica no Ocidente — A maior realização da classe intelectual da Espanha Muçulmana foi a de harmonizar o Islão com a filosofia grega. Os estudiosos cristãos tiveram o mesmo problema, mas com maiores dificuldades em resolvê-lo, por ter o cristianismo mais dogmas que o Islão, com uma hierarquia centralizada que aquêle não tinha. A filosofia, tal como foi desenvolvida pelos gregos, e o monoteísmo, desenvolvido pelos semitas, foram os dois mais ricos legados nos tempos medievais. Foi glorioso para os muçulmanos da Espanha unir estas duas correntes, fazendo um todo da cultura, com a combinação do Sul da Europa, África do Norte e Ásia Ocidental.

Ibn-Ruchd (Averróes, falecido em 1198), natural de Córdova, foi o líder desse trabalho. Seus comentários sobre Aristóteles, traduzidos em Toledo e na Sicília, reintroduziram, na Europa, as obras daquele grande filósofo, tornando-as perfeitamente inteligíveis. Os comentários de ibn-Ruchd foram adotados pelas universidades da Itália, Espanha, França e outras regiões da Europa.

Seu contemporâneo, ibn-Maimún (Maimônides, falecido em 1204), fez pela filosofia judaica o que ibn-Ruchd fez pela filosofia muçulmana. Reconciliou a teologia hebraica com o Aristotelismo, interpretando alegoricamente, algumas passagens bíblicas. A influência de ibn-Maimún é notável em Alberto Magno, Spinoza e Kant.

Ibn-Tufail — (falecido em 1185), outro notável filósofo muçulmano de Granada, escreveu um original romance filosófico, "Hai bun-Iakzán", no qual tentou provar que um homem, não influenciado por forças exteriores, pode chegar a conhecer Deus. Esta obra, traduzida para o latim por Pococke em 1671, tornou-se o protótipo de Robinson Crusoe".

Quarta Conferência:

"A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE ÁRABE PARA A CULTURA OCIDENTAL".

De acôrdo com o Islão, a representação de homens e animais é um privilégio de Deus. Esta é uma reflexão de pensadores hebreus convertidos, um corolário do monoteísmo hebraico e da proibição da idolatria.

O Islão, em conseqüência, desenvolveu um novo tipo de expressão artística, especialmente a decorativa. Isto se obteve pelo emprêgo convencional de cores ricas e harmoniosas em desenhos geométricos e florais. Este novo tipo foi conhecido por "arabesco".

Entretanto, os muçulmanos persas, que tinham uma longa tradição de arte pictórica, desenvolveram miniaturas que foram usadas, primeiramente, no século XIII, nas ilustrações das fábulas de Bidpai e, também, nas Assembléias ('Makamát').

A tradição das artes plásticas no estilo gótico cristão foi continuada pelos muçulmanos da Espanha. 'Abd-Ur-Rahmán III (califa em 929), colocou estátuas de suas concubinas em seu palácio de al-Zahra. Erigiram-se, também, estátuas na Alhambra. Neste palácio, atingiu o seu apogeu o sistema hispano-muçulmano de decoração.

Os muçulmanos também sobressairam nas artes industriais. Ladrilhos coloridos (azulejo, do árabe 'al-Zulajji'), juntamente com a brilhante cerâmica dos mudejares, tornaram-se bem conhecidos no sueste da Europa. Toledo, Córdova e Málaga transformaram-se em importantes centros fabricantes de cerâ-

mica exótica. A metalurgia foi, também, bastante desenvolvida, competindo as lâminas de Toledo com as suas rivais de Damasco. Até hoje são conservados em inúmeros museus os porta-jóias de marfim, fabricados em Córdova. Valência foi famosa por seus trabalhos artísticos em cristal, indústria em que a Síria e o Líbano se distinguiram, desde os dias dos fenícios. Poitiers, na França, tornou-se um importante centro de cerâmica, sendo esta arte imitada na Holanda, no século XV.

Os árabes salientaram-se na caligrafia. Os cristãos usaram inscrições pseudo-árabes para decoração de vasos, muito depois de o Islão ter desaparecido da península Ibérica.

Em artigos textéis, basta citar "musselina", palavra que tem como origem o nome da cidade de Mossul, "baldaquim" (de Bagdad), "sofá" (de 'al-Suffah') e "divã" (de "diuân").

Em arquitetura, houve o estilo mourisco ou Maghribi, no qual se misturavam as tradições cristãs e muçulmanas. O arco em ferradura apareceu, pela primeira vez em Damasco, na mesquita de 'Umaiad.

Os alcazares de Sevilha, Toledo e Córdova são remanescentes dos monumentos árabes. A Alhambra é a mais soberba e antiga recordação. A mesquita construída em Córdova por 'Abd-ur-Rahmán I (falecido em 788), com suas mil duzentas e noventa e três colunas, é hoje a catedral "La Mesquita". Do palácio de az-Zahra, dificilmente, sobraram alguns traços.

Até hoje os marceneiros e pedreiros usam muitas palavras espanholas e portuguesas de origem árabe: "alacena" (de 'al-khizánah'), "alvanel" (de "albanna"), "alcova" (de 'al-kubbáh'), "andaime" (de 'al-di'ámah'), "azatéia" (de 'al-sitaihah'), "taquillah" (de 'tákah'), etc..

Em música, também, são usadas, nestes dois idiomas, algumas palavras com a mesma origem, tais como: "alaúde" (de 'al 'úd'), "guitarra" (de 'kitárah'), "rabeça" (de 'rabáb'), "pandeiro" (de 'bandairah'), "sonajas" (de 'sunúj'), "anafil" (de 'al-nafiz'), "albagón" (de 'al-búk'), etc.. "Olé!" é uma corruptela do correspondente árabe "u-Alláhi, u-Alláhi".

Quinta Conferência:

"O RENASCIMENTO DOS ESTADOS ÁRABES CONTEMPORÂNEOS"

O Mundo Árabe, constituído por um sólido bloco, desde Marrocos, no Oceano Atlântico, até o Iraque, no Golfo Pérsico, pode ser dividido em quatro unidades: a África do Norte, o Egito, a Península Arábica e o Crescente Fértil.

A unidade Norte Africana faz parte, geograficamente, da Europa, mas, historicamente, do Oriente Médio. Sua proximidade com a Europa, a distância existente até o "coração do Islão", o pouco sangue árabe e o grande número de colonizadores europeus, diferenciam-na de todas as outras partes do Mundo Árabe. Foi esta a primeira região árabe a cair sob a influência política européia e a se separar de seus vizinhos muçulmanos. Até hoje, o nacionalismo árabe não está ali bastante desenvolvido.

Marrocos foi ocupado pelos franceses e espanhóis nos albores do século XX. A Argélia caiu em poder dos franceses em 1881. A Líbia, última possessão turca da África do Norte, foi ocupada pelos italianos em 1912, tendo a Organização das Nações Unidas prometido a sua independência para janeiro de 1952.

Geograficamente, o Egito faz parte da África, sendo, entretanto, histórica e culturalmente, parte integrante da Ásia Ocidental. Com seus 18 milhões de habitantes, é o maior e o mais rico país do Mundo Árabe, aspirando a uma posição de líder entre os demais. Ocupado pela Inglaterra em 1881, declarou sua independência em 1936.

A península arábica distingue-se por possuir as cidades sagradas de Meca e Medina. Isolada por sua posição geográfica e, também, por sua tradição, não sofreu influências modernas, não tendo sentido até hoje o impacto da ci-

vilização ocidental. A descoberta de importantes campos petrolíferos, nos últimos trinta anos, e a concessão dada à "Arabian-American Oil Company", expôs uma terça parte do Golfo Pérsico à influência ocidental. Com exceção da Arábia Saudita, o Iemen é o único reino independente desta península. O Iemen é, sem dúvida alguma, muito mais conservador do que aquêles países.

O Crescente Fértil inclui a Síria, o Líbano, a Palestina, a Jordânia e o Iraque. Dêstes, a Síria e o Líbano estiveram sob mandato francês até 1945, quando declararam a sua independência. A Palestina e a Jordânia, bem como o Iraque, estiveram subjugados, sob forma de mandatos, pela Inglaterra. A oposição a êste país e ao sionismo, conjugou o nacionalismo local nestes territórios.

O caso do Iraque é o único digno de consideração, na parte referente ao moderno nacionalismo local.

Façal foi aclamado rei em 1921 e o país declarou a sua independência em 1932, época em que entrou como membro da antiga Liga das Nações. Como o Egito, o Iraque é, atualmente, uma monarquia constitucional.

Desta maneira, os países árabes da Ásia Ocidental, que estiveram até o princípio da Primeira Grande Guerra sob o domínio dos turcos otomanos, alcançaram sua independência com o término da Segunda Guerra Mundial, principiando, então, a trilhar as estradas da democracia, do nacionalismo e do progresso.

Sexta Conferência:

"OS ESTADOS ARABES E O IMPACTO OCIDENTAL".

Sob o domínio otomano (1516-1918), as regiões árabes tiveram um período obscuro em sua história, com uma vida conservadora, tradicional, convencional e religiosa, sem nenhuma atenção ao progresso do mundo exterior e quase sem conhecimento da Europa.

Napoleão no Egito — A invasão do Egito, feita por Napoleão em 1798, foi a primeira pancada a despertar àquelas terras de seu longo sono medieval, sendo êste o seu primeiro contacto vital com o Ocidente. Napoleão fundou uma imprensa árabe e uma livraria na cidade do Cairo. Muhammad 'Ali, vice-rei do Egito, logo depois da saída de Napoleão, enviou estudantes para a França e Itália e, ao mesmo tempo, convidava militares, professores e engenheiros a visitar o país, sonhando com um império que o tivesse como líder.

Na Síria e no Líbano — O impacto ocidental espalhou-se para a Síria e outras terras árabes, tornando-se a parte mais importante de sua história moderna, dando início a uma nova era.

A Síria e o Líbano receberam, em 1830, os primeiros missionários protestantes e católicos, fundando-se, em Beirute, um jornal árabe-americano. Em 1866 foi fundada, naquela cidade, a Universidade Americana e, logo depois, uma Universidade Francesa e, também, diários nesse idioma. Escolas, locais, assim como imprensa e sociedades científicas e literárias, começaram a aparecer adaptadas ao sistema ocidental. Traduções feitas de vários idiomas europeus foram gradualmente introduzindo novas palavras à língua árabe.

Desta maneira, idéias novas e dinâmicas foram se introduzindo no mundo árabe, incluindo-se entre elas a secularização, a modernização e, o que é mais importante, o nacionalismo e a democracia.

Renascimento nacionalista — O desenvolvimento intelectual assim alcançado teve, como principais dirigentes, cristãos libaneses que operavam no Egito, educados por instituições americanas. Os primeiros feitos gloriosos dos árabes transformaram-se em força inspiradora de suas realizações futuras. A renascença intelectual foi seguida por uma renascença política e nacional. O conceito do nacionalismo moderno foi aceito, portanto, por todos os povos de língua árabe. A idéia de um governo próprio e da independência do jugo oto-

mano começou então a se formar. Atualmente, o nacionalismo moderno tem conceitos que estão em conflito com o Islão.

Foi lingüística a vitória do nacionalismo, metamorfoseado no pan-arabismo, tornando possível a união de todos os povos de língua árabe, quer fôssem cristãos, egípcios ou sírios.

O pan-islamismo, fazendo da religião a sua força, torna-se um pouco reacionário por inspirar-se no passado e na antipatia existente atualmente para com o Ocidente.

Sétima Conferência:

"INDEPENDÊNCIAS ALCANÇADAS COM O DESENVOLVIMENTO DO NACIONALISMO"

Até a primeira grande guerra, as regiões árabes da Ásia Ocidental formavam uma só unidade, sob o domínio dos otomanos. Como resultado dessa guerra, fragmentaram-se politicamente aquelas regiões, conduzindo-se, também, ao mesmo caminho o nacionalismo árabe.

Egito — No Egito, o nacionalismo aliou-se ao pan-arabismo como consequência da ocupação britânica efetuada em 1882. A oposição ao domínio inglês fez com que os naturais do país descobrissem patrioticamente que eram "Egípcios". "O Egito para os Egípcios", tornou-se então em um grito de guerra. Em 1936, o país assinou um tratado de 20 anos com a Inglaterra, concedendo certos privilégios, entre os quais o uso dos portos e facilidades de transporte em tempo de guerra e a conservação de uma guarnição militar no Canal de Suez.

Síria e Líbano — A Síria e o Líbano tiveram muitas queixas contra os franceses, entre elas o desprezo que estes tinham para com o sentimento nacional, a divisão dos países em diversos estados e a imposição obrigatória do uso da língua francesa. A oposição sistemática aos franceses, tornou-se uma obrigação para todos, até que, em 1945, ambos os países declararam a sua independência, tornando-se repúblicas.

Palestina e Jordânia — O problema da Palestina, situada no sul da Síria, complicou-se com a intromissão do sionismo, que é considerado, por todos os árabes, como um movimento nascido em terras estrangeiras e bastante agressivo. A oposição ao movimento sionista e à Inglaterra agregou o nacionalismo local. Israel foi declarada nação em 1948. Dois anos depois, o rei Abdullah anexou ao seu país a parte da Palestina que não deveria pertencer a Israel. Desde então, a Palestina deixou de existir como nação.

Logo após estes acontecimentos, Abdullah, que começou a sua vida como emir da pequena Transjordânia, declarou-se o líder do novo país — o reino da Jordânia.

O Iraque — Os ingleses prosseguiram no Iraque, com uma política brilhante e muito mais liberal. Em agosto de 1921, Faiçal, filho do rei Hussain, do Hedjaz, foi proclamado rei. Em junho de 1930, a Inglaterra renunciou aos seus direitos de mandato, reconhecendo a independência do país. Culturalmente, o Iraque está logo após à Síria e ao Líbano.

Península Arábica — A Saudi-Árabiá, é criação exclusiva de um só homem, o rei 'Adul-'Aziz ibn-Su'úd. Foi ele próprio que conseguiu para si este vasto domínio que se estende desde o Golfo Persa até o Mar Vermelho, ao mesmo tempo em que retirava Hussain, do Hedjaz. A descoberta de petróleo neste território, juntamente com as concessões dadas a algumas companhias americanas para a sua exploração, colocou este reino em contacto com o Ocidente.

O Iemen, que é o único outro país completamente independente existente na península arábica, ainda tem um governo teocrático, estando tão isolado das influências estrangeiras, como o próprio Tibet.

Liga dos Estados Arabes — Se a primeira grande guerra dividiu as regiões árabes, a segunda, imediatamente reuniu-as. A necessidade de uma unidade,

a presença de um inimigo comum e os mesmos interesses econômicos, culminaram com a organização da Liga Árabe.

O pacto assinado na cidade do Cairo em março de 1945, salvaguarda a independência e a soberania de cada membro da Liga, impondo cooperação mútua e proibindo o envio de forças um contra o outro, em caso de disputa. Os países que fazem parte da Liga, são os seguintes: Egito, Síria, Líbano, Iraque, Saudi-Arábia, Iemen e a Jordânia. Os comitês político, econômico e educativo são os principais da Liga. Observadores das regiões do Norte da África, foram admitidos em algumas reuniões, mas não como membros efetivos, por não terem ainda aquelas regiões adquirido completa independência. Como resultado da guerra com Israel, a Liga perdeu um pouco de seu prestígio, que entretanto, está sendo atualmente recuperado.

Oitava Conferência:

"TENDÊNCIAS MODERNAS DO ISLÃO".

O impacto ocidental sobre o Oriente Próximo, que começou com a invasão napoleônica do Egito, em 1897, teve conseqüências militares, culturais e políticas que mudaram as diretrizes históricas dessa parte do mundo. A cadeia de reações, então produzida, originou conflitos internos, tais como a desarticulação de antigas lealdades, tensões sociais e desajustamentos em todos os setores da vida. O Nacionalismo e a democracia política foram as duas forças modernas mais dinâmicas então introduzidas.

Três Correntes — Da confusão inicial, emergiram três escolas de pensamento: os turcos, sob Mustafá Kemal, seguiram uma política de completo rompimento com o passado e inteira aceitação dos valores ocidentais, com métodos revolucionários, tais como a punição oficial daqueles que se recusassem a mudar. No outro lado, permaneceram os da ala direita, os conservadores, aqueles que voltaram as costas ao ocidentalismo, à secularização e ao modernismo, continuando isolados, sem nenhum cruzamento cultural fertilizador. Esta escola é representada pela maioria dos habitantes da Península Arábica. Entre esses dois extremos, estavam o Egito e o Crescente Árabe, que seguiram a política de escolher a parte agradável da cultura ocidental, conservando o que fosse aproveitável de sua cultura hereditária, ao mesmo tempo que reconciliavam os dois métodos. A tarefa dos povos do Egito, Líbano, Síria e Iraque — que estavam neste caso — foi a mais difícil.

O Islão — O resultado foi claro. Nos campos econômico, social e político, esses povos foram largamente ocidentalizados. Aceitaram os métodos técnicos da indústria, da ciência e do comércio. As mulheres da Síria atualmente, podem votar e as mulheres muçulmanas instruídas aboliram o uso do véu. O povo adotou as formas ocidentais das instituições políticas, baseando suas novas leis nos códigos europeus. A tendência dirige-se mais ou menos para a completa ocidentalização dos setores técnico, econômico e político.

O máximo que se pode dizer sobre a igualdade espiritual e filosófica, é que a religião, que é a Islâmica, e também a filosofia permaneceram inalteradas em seus fundamentos. Neste campo, o exterior foi modificado, mas o cerne permaneceu sólido. Fora das ruínas da sociedade árabe, a religião permaneceu intacta.

É indiscutível a possibilidade de um derradeiro ajustamento entre a religião do Islão e a civilização ocidental. Deve-se lembrar que o Islão é, historicamente, uma conseqüência do judaísmo e do cristianismo, com alguma herança de tradições grego-romanas. Até o século XVI, as diferenças existentes entre o Oriente Próximo e o Ocidente foram mais artificiais do que reais. A partir dessa época, os dois setores principiaram a divergir, procurando o Ocidente descobrir o método científico, enquanto o Oriente permanecia inalterado.

No princípio do século XIX, o Oriente e o Ocidente principiaram a ter um novo contacto. Muçulmanos educados no Egito proclamavam que se sentiam

melhor na presença de um francês ou de um americano, do que junto de um indú, chinês ou japonês.

Devem agora as democracias ocidentais fazer com que o Oriente Próximo — que permaneceu um longo período de sua história dentro da esfera cultural do Ocidente — fique permanentemente sob essa influência.

E. SIMÕES DE PAULA.